



DELEUZE LEITOR DE LISPECTOR: o fluxo de pensamento em “Água Viva” entendido através da ideia de *aprendizado* em “Proust e Os Signos”

Discente: Giovanna Hespaña Villela (Filosofia, IFCH, Unicamp/RA:246788)

Orientada por: Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci (Faculdade de Educação, Unicamp)

Financiamento: Funcamp (Fundação de Desenvolvimento da Unicamp)

Palavras-Chave: aprendizado, violência, fluxo de pensamento, literatura, filosófico

1.0 - Apresentação da pesquisa

Por meio de uma atenta leitura das obras de Marcel Proust, Gilles Deleuze elabora em “Proust e Os Signos” uma análise interessada em mostrar como a experimentação literária proustiana enquanto prática artística apresenta uma leitura filosófica do mundo, ou seja, produz pensamento. A partir do que seria considerado pelo senso comum uma simples história, um romance, Deleuze entende a narrativa proustiana como um empreendimento que consegue, diferente até mesmo de escritas de artigos filosóficos, evidenciar o funcionamento de alguns elementos do intelecto humano, *como as maneiras de apreender o mundo externo*.

Através da forma que Proust enxergava os debates sobre essa temática, Deleuze afirma a importância da *violência* (entendida como o acaso) para a *aprendizagem*. Aqui, não falamos sobre o aprendizado em sua forma institucional, mas sobre uma maneira de obter verdades através dos *encontros*, conceito que surge para ilustrar esse acaso enquanto uma situação oposta ao pensamento por *boa vontade* (presente, por exemplo, em uma produção filosófica, evidenciando que ela parte de uma decisão voluntária de pensar e extrair verdades). A partir da compreensão dos conceitos aqui destacados, elucidados também na passagem citada a seguir, juntamente com outros trechos selecionados (pertencentes aos capítulos iniciais) de “Proust e Os Signos”, propomos estabelecer na pesquisa um paralelo da teoria apresentada com obras literárias, conforme o título concedido à esta pesquisa: *Deleuze leitor de Lispector*.

Quem procura a verdade? E o que está querendo dizer aquele que diz “eu quero a verdade”? Proust não acredita que o homem, nem mesmo um espírito supostamente puro, tenha naturalmente o desejo do verdadeiro, uma vontade de verdade. Nós só procuramos a verdade quando estamos determinados a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando sofreremos uma espécie de violência que nos leva a essa busca.¹ (p.14)

¹ DELEUZE, Gilles. **Proust e Os Signos**. Traduzido por Antonio Piquet e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010. 14 p.

Esse paralelo busca entender como Deleuze pontualmente analisa a obra de Proust para obtermos uma visão deleuziana sobre a obra de Lispector, extraindo, como objetivo deste estudo, *uma perspectiva sobre a potencialidade filosófica presente em uma escrita enquanto literatura e obra de arte*. De fato, como é abordado na pesquisa, inúmeros comentadores da obra de Deleuze, como Roberto Machado, entendem a literatura como um tema de destaque no interior de seu pensamento, mas não traremos aqui uma perspectiva engessada de quem está preso a uma narrativa, ou seja, uma história em específico, como é o caso de alguns trechos em que Deleuze se refere em “Proust e Os Signos” a detalhes do romance escrito pelo literário.

Por isso, não são tão presentes na pesquisa os exemplos de Deleuze que remontam detalhes da narrativa de Proust enquanto um romance, como especificidades sobre o herói e sobre o cenário em que a história se passa, mas serão fundamentais o que todos esses elementos evidenciam na obra deleuziana: uma perspectiva da *aprendizagem*; conceito que elucidará que a discussão sobre o ser humano apreender o que é externo é uma possibilidade em seu livro graças a uma teorização estética, que enxergar um fazer filosófico em uma obra literária.

Nesta pesquisa, todos os elementos deleuzianos iniciais apresentados em “Proust e Os Signos” são trazidos ao debate a partir das particularidades de “Água Viva”, de Clarice Lispector. Nesse caso, a escritora é um ótimo exemplo por conta de sua escrita fluxo de pensamento, uma ferramenta que facilita a explicação daquilo que Deleuze cita como *aprender a verdade por meio dos encontros*, já que a obra apresenta uma constante tentativa de decifrar o estado interior do eu lírico em relação ao estado exterior da vida.

2.0 - Objetivos da pesquisa

A pesquisa pretende, a partir do encontro na obra deleuziana de um caminho argumentativo que possibilite explorar a relação entre pensamento e sensação através da noção de *aprendizado* presente no livro “Proust e Os Signos” em seus três capítulos iniciais, provar a potencialidade filosófica de outras estruturas, como a literária. Tudo isso em articulação com a discussão deleuziana da necessidade de uma compreensão não-filosófica de tópicos filosóficos e apoiado em outras obras literárias, como “Água Viva”, de Clarice Lispector.

O paralelo que coloca Deleuze como leitor de Lispector será um ganho para o objetivo da pesquisa (*uma perspectiva sobre a potencialidade filosófica presente em uma escrita enquanto literatura e obra de arte*) já que a obra de arte, mesmo que não de maneira óbvia, mas sendo temática ou interpretativa, não parte de uma discussão de boa vontade, forma como é feita na obra filosófica. Portanto, através da escrita às vezes enigmática de Lispector, há uma aproximação da obra lispectoriana com o que Deleuze considera aprendizado, um conceito intrínseco à produção de verdades e de pensamentos, como a filosofia se propõe de forma artificial, mas como a literatura parece concluir com sucesso. A seguinte passagem de “Água Viva”

ilustra algumas características do monólogo nomeadas aqui como úteis para o refletir da pesquisa.

Estou consciente de que tudo que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já.²

É importante notar que o objetivo da pesquisa não é criar um resumo dos apontamentos de Deleuze de uma forma aplicável a qualquer obra literária, provando como sua estrutura filosófica pode ser dogmática a ponto de ser um encaixe para diversos gêneros literários, mas sim analisar obras que facilitem uma aproximação com a teoria deleuziana. Assim, a apresentação consistirá em ilustrar o processo da pesquisa e as observações notadas até o momento, ilustradas mais à frente em “Resultados Obtidos”.

3.0 - Resultados Obtidos

Até o presente momento, os três primeiros capítulos de “Proust e Os Signos” - Os Tipos de Signos, Signo e Verdade e O Aprendizado -, foram analisados com a intenção de traduzir em uma resenha os principais passos argumentativos do autor, que explica, portanto, a relação do mundo exterior com a compreensão humana dos objetos e dos encontros, que são capazes de gerar verdades nos casos em que são combinados o acaso e a inteligência. Essa construção do argumento é fundamental para o que Deleuze faz ao longo dos três capítulos iniciais, mostrando como a máquina literária proustiana engendra reflexões de cunho filosófico, em diálogo com elementos do pensamento deleuziano.

A presente pesquisa também observa o caminho filosófico de Proust surgindo devido ao o que Deleuze valoriza como o *tempo perdido*, que, segundo sua teoria, é a única forma de gerar aprendizado: *a partir de um casamento entre a verdade que se acende no acaso e a inteligência, responsável por extrair, através dos signos trazidas pelo não planejado, a verdade das situações.* É a partir dessas considerações que a pesquisa revela a obra de Lispector para essa teoria filosófica, provando que a própria obra literária também possui potencialidade filosófica na medida em que replica o que Deleuze chama de *tempo perdido* e se afasta das investigações que partem da *boa vontade*.

O fluxo de pensamento presente em “Água Viva”, obra de Lispector, nos possibilita observar como em meio às declarações do livro, conectadas com a vida prática do eu lírico, há um acesso ao interior da personagem, gerando um paralelo do monólogo com a conexão deleuziana

² LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. 04 p.

entre *tempo perdido e verdade*. Isso pode ser justificado pelo fato de que Lispector não cria uma argumentação estrutural e intencionalmente filosófica, movida por argumentos que levam a uma estimada verdade ou consideração final dogmática, mas elabora uma escrita sobre sua personagem e como ela reage às minúcias da vida.

Desse modo, defendemos como a experimentação literária de Lispector apresenta visões que não limitam essa experiência a conclusões interessadas em exprimir uma verdade absoluta e, por isso, oferecem uma perspectiva mais próxima do que Deleuze chamou de aprendizado (ou geração de verdades, se ligadas, por sua vez, às práticas da inteligência), noção enfatizada através do seguinte trecho de “Proust e Os Signos”.

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos (...) Diz Proust, a propósito de Otávio: “Não em impressionei menos ao refletir que talvez as obras primas mais extraordinárias de nossa época tenham saído, não dos concursos universitários, de uma educação modelar e acadêmica, no estilo de Broglie, mas do contato com as ‘pesagens’ e com os grandes bares.”³

4.0 - Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. **Proust e Os Signos**. Traduzido por Antonio Piquet e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

³ DELEUZE, Gilles. **Proust e Os Signos**. Traduzido por Antonio Piquet e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010. 21 p.